

---

O PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM  
ENSINO MÉDIO DO CNPQ: UM RELATO

05

THE TEACHING OF THE WRITING SKILL  
IN THE PAST AND IN THE PRESENT

---

**Matheus Nogueira Schwartzman**

Docente do Mestrado em Linguística da UNIFRAN - Universidade de Franca.

**Naiá Sadi Câmara**

Docente do Mestrado em Linguística da UNIFRAN - Universidade de Franca.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados do projeto de iniciação científica desenvolvido com alunas do Ensino Médio de escolas públicas estaduais do município de Franca, financiado pelo Programa de IC Jr do CNPq, junto ao programa de mestrado em Linguística da Universidade de Franca.

**Palavras-chave:** iniciação científica; Ensino Médio; Linguística; redes sociais.

## ABSTRACT

This text aims at discussing the failure of the teaching of scholar writing both in the past and in the present and suggest adequate ways to create conditions for students to acquire the writing skill. It also approaches the meaning of writing in human life, the conception of the teacher concerning writing and tries to show the mechanisms of constructing a written text.

**Keywords:** undergraduate research project; Secondary School; Linguistic; social networks.

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho, pretendemos apresentar uma reflexão sobre o percurso de aprendizagem de duas jovens pesquisadoras oriundas do Ensino Médio (EM) de escolas da Rede Pública de Ensino de Franca<sup>1</sup>, durante estágio que desenvolveram, ao longo do ano de 2012, apoiadas pelo Programa de bolsas de Iniciação Científica Jr do CNPq, conhecido também como PIBIC-EM. A partir deste relato, pretendemos ainda, depreender as implicações de uma Iniciação Científica desse tipo na formação de alunos do Ensino Médio, apresentando, assim, os resultados obtidos com as pesquisas das alunas bolsistas.

O projeto PIBIC-EM é um programa cujo objetivo é:

Despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes do ensino [...] médio [...] da Rede Pública, mediante sua participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica, orientadas por pesquisador qualificado, em instituições de ensino superior ou institutos/centros de pesquisas. (ANEXO V, RN-017/2006).

Como se pode observar, o objetivo do projeto é permitir que a pesquisa, tão frequentemente centrada e cercada pelos muros da Universidade, chegue mais facilmente e por uma via direta a outros centros de saber, especialmente o ambiente da escola pública. Desse modo, a proposta do CNPq faz valer certamente o tripé sobre o qual está fundamentada a Universidade brasileira: o ensino, a pesquisa e a extensão, justamente porque o professor universitário tem a oportunidade de voltar-se para o ensino em níveis de formação de base, formando pesquisadores capazes de disponibilizar os conhecimentos e a ciência produzidos no ambiente acadêmico junto à comunidade local, uma vez que o aluno do EM acaba sendo um vetor de popularização da ciência desde seu ambiente familiar até o ambiente escolar que frequenta.

O projeto do CNPq coaduna-se também com o espírito do nosso

<sup>1</sup> Aline Okumoto Gomes e Marina Rizieri Branquinho Carvalho são alunas, respectivamente, das escolas estaduais Prof.ª Helena Cury de Tacca, e Mário d'Elia, da cidade de Franca (SP).

tempo, tendo em vista que já se tornou consenso afirmar que as mudanças de paradigmas na contemporaneidade, provocadas principalmente pelo avanço tecnológico, determinaram mudanças nas formas de ser, pensar, sentir e agir do homem, ou seja, criaram novas formas de vida em todas as esferas sociais. Essas mudanças promovem alterações nas formas de vida das sociedades e conseqüentemente alteram as competências e habilidades que compõem os perfis profissionais, pressionando os sujeitos na direção de novas formas de aquisição de conhecimento.

### **1. CONHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE**

Anteriormente, o profissional necessitava, para uma atuação adequada no mercado de trabalho, dominar apenas conhecimentos técnicos específicos de sua área. Hoje, as novas formas de relação com o saber, segundo Lévy (2011), exigem competências que estão além do domínio técnico-científico. Para o autor, a velocidade do aparecimento e das renovações dos saberes tornam as competências do perfil profissional rapidamente obsoletas. Lévy afirma ainda que as formas de relacionamento com o trabalho passaram e passam por mudanças importantes, tendo em vista que, na contemporaneidade da cibercultura, “trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos” (LÉVY, 2011, p. 159).

Não há mais condições, segundo Lévy, de se fazer um planejamento prévio de conteúdos a serem ministrados, há uma dificuldade de canalizar e de delimitar as competências dos diferentes perfis e, no infinito universo do ciberespaço, novos modelos de espaços de conhecimentos são criados, espaços de conhecimentos abertos, contínuos, não lineares que oferecem uma multiplicidade aberta e infinita de pontos de vistas à disposição e ao alcance de todos aqueles que puderem ter acesso a um computador.

Nesse contexto, características cognitivas e afetivas, capacidade de identificar problemas e de resolvê-los, capacidade para trabalhar em grupo, são algumas das competências exigidas na era do conhecimento, nas sociedades contemporâneas, para a constituição dos sujeitos e que

devem estar incorporadas aos projetos pedagógicos das escolas nos diferentes níveis de ensino.

Atualmente, no estado de São Paulo, o que determina o processo de ensino-aprendizagem no ensino básico, é, além dos Parâmetros Curriculares, a Proposta Curricular publicada pela Secretaria da Educação, em 2008.

Podemos observar por esse documento que essas novas competências foram incorporadas, conforme as características que devem compor o perfil do egresso do Ensino Médio:

O desenvolvimento pessoal é um processo de aprimoramento das capacidades de agir, pensar, atuar sobre o mundo e lidar com a influência do mundo sobre cada um, bem como atribuir significados e ser percebido e significado pelos outros, apreender a diversidade e ser compreendido por ela, situar-se e pertencer. (SÃO PAULO, SE/CENP, 2008, p. 11).

Verificamos que os objetivos do projeto PIBIC-EM, totalmente em consonância com os objetivos determinados pela Secretaria da Educação do estado de São Paulo, estabelecem que o aluno, ao sair do Ensino Médio, tenha uma autonomia intelectual e pessoal que lhe permitam interagir com o mundo e com os outros de forma a se inserir cultural e socialmente.

A fim de criar condições para o desenvolvimento dessa autonomia nas atividades com as alunas bolsistas do projeto PIBIC-EM, optamos por uma metodologia de trabalho com base no princípio organizado pelo eixo prática – reflexão – prática. Acreditamos que com essa postura, é possível desenvolver competências como aprender a aprender e aprender a fazer e a conviver, possibilitando, dessa forma, o desenvolvimento das competências contempladas na proposta do projeto do CNPQ.

## **2. ETAPAS DO PROJETO: A FORMAÇÃO DAS ALUNAS DE IC EM**

Em princípio, foram elaborados, pelos docentes orientadores Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Naiá Sadi Câmara, dois projetos que deveriam contemplar as atividades desenvolvidas pelas alunas já apresentadas. No entanto, após um contato inicial com as alunas, julgou-se pertinente e mais produtivo, que ambas desenvol-

vessem suas atividades em conjunto, ou seja, que fosse elaborado um projeto único, no qual as duas alunas fossem inseridas, cada qual com uma atividade individual.

Antes da definição e elaboração do projeto, decidiu-se, por acreditar na necessidade de uma ambientação no universo acadêmico, apresentar às alunas o universo da pesquisa científica tendo como primeiro passo o conhecimento da biblioteca, seu funcionamento e a importância da pesquisa bibliográfica.

Foi proposto, desse modo, como **Primeira Etapa** do projeto, que buscassem, a partir de uma sugestão prévia elaborada pelos professores orientadores, livros sobre metodologia científica a fim de iniciar uma pesquisa bibliográfica sobre pesquisa científica. Foram sugeridos os seguintes temas para essa pesquisa inicial: “O que é metodologia da pesquisa?”; “Por que há uma metodologia?”; “O que é pesquisa?”; “Tipos de pesquisa”; “Fichamento, resumo e o texto científico”; “Como delimitar um corpus”. Para o desenvolvimento dessa pesquisa inicial. As alunas selecionaram textos na biblioteca, segundo as indicações dos orientadores, como Medeiros (2010), Asti (2001), Cervo e Brevian (1996), que tratam, respectivamente, dos tipos de textos científicos, dos tipos e métodos de pesquisa e da natureza da pesquisa científica. Após a apresentação dos dados coletados e discussão com os orientadores, solicitou-se às alunas um fichamento sobre como elaborar um projeto de pesquisa.

Além de iniciar o processo de formação sobre a pesquisa científica, as bolsistas seguiram à **Segunda Etapa**, em que se ocorreria a delimitação do campo de pesquisa, que seria dada a formação e a inserção de seus orientadores, no campo da Linguística. Tendo isso em vista, as alunas assistiram à primeira aula do curso do Mestrado em Linguística, com a disciplina Tópicos de Linguística, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Naiá Sadi Câmara, em que foram apresentados os pressupostos básicos da teoria linguística, suas áreas de atuação, seu objeto de estudo, entre outros conceitos, para que as elas conhecessem a área em que suas pesquisas

seriam realizadas. Segundo relato das alunas, essas duas etapas iniciais foram suficientes para que elas começassem a compreender, de um lado, os pressupostos gerais nos quais se baseiam a pesquisa científica e, de outro, certas noções que norteiam a pesquisa em linguística.

Dando continuidade ao projeto, após discussões sobre os objetos de estudos da linguística, solicitamos às alunas que escolhessem um *corpus* – conceito este com o qual já estavam familiarizadas – para realizarem suas investigações. Durante os encontros para orientação, as alunas referiram-se às dificuldades de comunicação dos alunos de suas turmas, principalmente em relação à capacidade de produção de textos. Interrogadas por seus orientadores, sobre quais seriam as causas dessas dificuldades, uma das hipóteses levantadas pelas alunas foi a que os problemas linguísticos identificados nos textos de alunos do EM estariam relacionados às formas de comunicação que os jovens utilizam hoje na internet, mais especificamente nas redes sociais. A partir dessas reflexões, o projeto foi definido: um estudo sobre as variações linguísticas nas redes sociais.

### **3. A VARIAÇÃO E AS REDES SOCIAIS: UMA PESQUISA**

#### **3.1 Delimitações**

Para ter subsídios para o desenvolvimento da pesquisa, as alunas foram novamente direcionadas à biblioteca da universidade a fim de realizarem uma segunda pesquisa bibliográfica sobre variações linguísticas. Também foi indicada uma busca pela internet para que elas começassem a ter noções também sobre este tipo de pesquisa.

E em primeiro momento, cada aluna selecionou os textos teóricos que iriam utilizar e, em um segundo momento, trocaram esses textos para que pudessem vivenciar o processo de produção intelectual partilhada. Foram selecionados textos de base teórica da Sociolinguística e artigos sobre o uso da língua portuguesa na internet, como as obras de referência de Bagno (2006) e Coseriu (1979) e artigos diversos como os de Bagno (2009) e Fiorin (2008).

Tendo então discutido os textos e realizado fichamentos e resumos, passou-se para a etapa de constituição do *corpus*. Foi selecionada a rede social Facebook, entre outras razões, por ser aquela que atingiu hoje o maior número de usuários – 1 bilhão de usuários, segundo o jornal *Folha de S. Paulo* (2012).

Cada aluna selecionou exemplos de páginas do Facebook, por serem páginas abertas e públicas. Segundo os *Termos de páginas do Facebook* (fev. 2012):

Qualquer usuário pode criar uma página para expressar suporte ou interesse em uma marca, entidade (local ou organização) ou figura pública, contanto que não haja a possibilidade de ela ser confundida com uma Página oficial ou violar os direitos de alguém [e] O conteúdo publicado em uma página é público e visível a qualquer pessoa que possa ver a página.

Desse modo, o *corpus* selecionado distingue-se dos perfis de usuários – que são privados e que contém informações pessoais – pois apenas divulga informações que já são naturalmente públicas e que não precisam de autorização para serem acessadas.

### 3.2 A natureza do *cópus*

Câmara (2011, p. 95), citando Citele, afirma que nossa relação com o tempo, nossa relação com o “novo” que estabelece a “transitoriedade que brinca de permanência”, a mobilidade espacial, são exemplos de mudanças que afetam principalmente o campo da comunicação tanto em seu aspecto técnico quanto nos modos de ver e sentir dos homens. Ampliação de alcances das informações, permanência e imaterialidade provocam novos processos de aquisição, convivência e circulação dos fatos e também provocam o surgimento de novas linguagens, de novos canais, de novas mídias, de novas práticas de leitura e escrita e variações na forma de usar a língua materna.

Diante de tal cenário, o projeto elaborado pelas alunas teve como objetivo analisar, considerando esse contexto de mudanças nas práticas

de escrita realizadas no ambiente virtual, a forma como as linguagens são utilizadas atualmente por jovens, no ambiente virtual das redes sociais, observando, principalmente, a forma como a língua portuguesa é usada na rede social Facebook, valendo-se, como já dissemos, de pressupostos teóricos advindos de reflexões da Sociolinguística.

Durante o percurso de aprendizado e pesquisa das alunas de IC EM, foi importante evidenciar o ponto de vista do linguista romeno Eugeniu Coseriu (1979), segundo o qual, à dicotomia saussuriana língua/fala, deve ser acrescentado o termo **norma**. Para Coseriu, portanto, a língua pode ser caracterizada por graus de abstração: o mais concreto (fala), o grau intermediário (norma), o mais abstrato (língua, sistema funcional). Nessa concepção, a **Fala** caracteriza-se por ser atualizações de modelos definidos na **Norma** que, por sua vez, defini-se por modelos determinados no **Sistema**. Coseriu define a fala como:

os atos linguísticos são atos de criação inédita, porque correspondem a criações inéditas, mas são, ao mesmo tempo – pela própria condição essencial da linguagem, que é a comunicação – atos de re-criação; não são invenções ex novo e totalmente arbitrárias do falante, mas se estruturam sobre modelos precedentes que os novos atos contém e, ao mesmo tempo superam (COSERIU, 1979, p. 72).

A norma é definida pelo autor como “um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade” (COSERIU, 1979, p. 74). Para o pesquisador, existem, nas sociedades, diferentes tipos de normas: culta, popular, de espaço físico, de classes sociais, de sexo, de modalidade, de situação, entre outras e os falantes utilizam diferentes combinações delas segundo suas necessidades comunicativas e segundo o sistema de valores vigente, que valoriza, conforme afirma Santos (1991) positiva ou negativamente as diferentes normas.

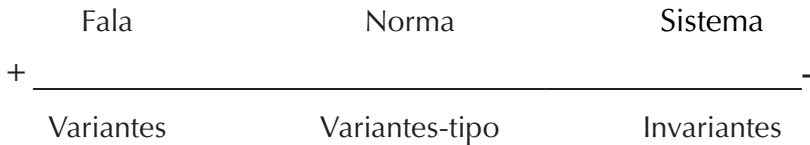
Segundo Coseriu, o sistema, formado por invariantes e por um conjunto de regras, é definido como:

sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode ser considerado como conjunto de “imposições”, mas também e



talvez melhor, como conjunto de liberdades, pois que admite infinitas realizações e só exige que não se afetem as condições funcionais do instrumento linguístico (COSERIU, 1979, p. 237).

Os elementos desse esquema triádico definem-se, segundo Santos, entre permanência e inovação, sendo a fala o grau máximo de variação, a norma o grau intermediário e o sistema o grau mínimo de variações. A partir das reflexões de Coseriu, Santos (1991, p. 14) apresenta o seguinte esquema:



Conforme afirma Santos (1991), a cada elemento da tríade corresponde um grau de variação, e à medida que as variações passam de um nível para o outro, num processo contínuo, estabelecem-se processos de convalidações. Segundo a autora:

Nesse sentido, uma determinada língua implica o concurso efetivo de normas e subnormas, que a caracterizam como tal. Por sua vez, estas últimas emergem dos atos de fala de inúmeros falantes-ouvintes. Da mesma forma, as línguas podem ser concebidas a partir da reelaboração de normas, que, por sua vez, constituem reelaboração dos atos de fala, de acordo com as regras do Sistema (SANTOS, 1991, p. 15).

Uma das questões mais comuns que se ouve hoje, tanto nas escolas quanto fora delas, é se as novas formas utilizadas pelos jovens no ambiente virtual vão destruir a língua portuguesa, ou, em alguma medida, “deformar” a língua. Segundo Fiorin (2008), esse questionamento leva a uma dupla interpretação: a primeira, que se baseia na crença de que, por causa de uma suposta despreocupação dos usuários em escrever “bem” na rede, o que acarretaria uma série de agressões à “gramática”,

a língua estaria em decadência; a segunda, seria a de que o inglês dominará a internet, acabando com todas as outras línguas.

O autor em seu artigo intitulado “A internet vai acabar com a língua portuguesa?”, utilizado durante a pesquisa das orientandas de EM, demonstra que essas concepções, apesar de já terem sido acolhidas por linguistas, estão equivocadas, porque mudanças linguísticas e/ou variações não devem nunca ser vistas nem como degeneração nem como evolução pois, para Fiorin (2008, p. 2):

Se o sistema se basta a si mesmo, se há em cada estado da língua um equilíbrio entre as partes, a mudança não pode ser considerada nem degeneração nem melhoria, mas um processo pelo qual as línguas “passam de um estado de organização a outro”. Altera-se o modo como o sistema se configura, mas a organização não deixa de existir. As línguas não decaem nem progridem, elas mudam.

Ou seja, as mudanças linguísticas que ocorrem na internet decorrem do fato de que a rede criou uma nova práxis enunciativa que mescla as modalidades oral e escrita, produzindo novos gêneros em que predominam características tais como a informalidade. Os textos produzidos neste ambiente são multimodais, utilizam não apenas a linguagem verbal como também as linguagens não verbais (sons, cores, desenhos, etc.), são mais curtos, enfim, apresentam um conjunto de características que o diferem dos textos produzidos fora do ambiente digital.

Os questionamentos das pesquisas das alunas de EM estabeleceram-se, portanto, com base nessas concepções, não na crença da morte ou da degeneração da língua portuguesa por causa das variações linguísticas manifestadas na internet, mas sim no pressuposto de que as características utilizadas nas práticas de escrita nas redes sociais, tais como as abreviações, a intensificação da palavra, o uso de expressões onomatopaicas, entre outras, são transferidas, pelos jovens, a todas as outras práticas de escrita fora do ambiente virtual. A hipótese delineadora da pesquisa é então a de que, por causa de uma significativa exposição

às práticas de escrita digitais, ocorre um processo de contágio das formas de escrita da internet e que esse contágio acaba por impedir e ou prejudicar o uso de outras normas linguísticas exigidas pelas diversas situações de comunicação fora do ambiente virtual.

Tendo em vista o grau de formação das alunas e o tempo de pesquisa dedicado a essas questões, a fim de poder investigar essa hipótese, a pesquisa teve como objetivo identificar quais são as variações linguísticas que predominam na rede social escolhida, o Facebook. Diante dessa realidade, foram escolhidos textos que circulam na internet, em ambiente não monitorado linguisticamente, especialmente texto sincréticos – os famosos “memes”<sup>2</sup> – que suscitam a interação e a manifestação dos leitores sobre os conteúdos veiculados nos textos que são divulgados. Desse modo, as alunas selecionaram quatro memes diversos, oriundos de Páginas do Facebook distintas. As análises ora apresentadas são, portanto, as impressões de análise das alunas de IC, já marcadas pela teoria e estudada durante o primeiro ano de estágio.

### 3.3 Análise dos dados

As figuras na página seguinte e sua descrição “analítica” sucinta são fruto do trabalho de pesquisa das alunas de IC EM que, embora seja pouco aprofundado, revela o aprendizado e uma nova postura frente aos fatos de língua. Os orientadores optaram, desse modo, por não alterar ou readequar as análises a modelos mais rígidos justamente para poder evidenciar o percurso do aprendizado as alunas.

<sup>2</sup> Embora não seja o foco da pesquisa estudar os Memes, podemos defini-los como qualquer conceito que se espalha pela internet. Segundo a Wikipedia, o termo é uma referência ao conceito de “memes”, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins em 1976 no seu livro *The Selfish Gene*. Ainda segundo a entrada “Meme”, na Wikipedia, “na sua forma mais básica, um Meme de Internet é simplesmente uma ideia que é propagada através da *World Wide Web*. Esta ideia pode assumir a forma de um *hiperlink*, vídeo, imagem, *website*, *hashtag*, ou mesmo apenas uma palavra ou frase. Este meme pode se espalhar de pessoa para pessoa através das redes sociais, *blogs*, *e-mail* direto, fontes de notícias e outros serviços baseados na *web* tornando-se geralmente viral”. As redes sociais, desse modo, acabam tornando-se grandes propagadoras de memes e, dada a sua velocidade de circulação, os memes acabam sendo sempre notados e discutidos nas redes sociais, como os que aqui analisamos.



natural na variante brasileira da língua graças à nasalização e ao encontro vocálico. Nos comentários à imagem lê-se ainda:

- a) Diversas formas de manifestação da oralidade por meio da repetição de letras. Construção onomatopaica que recupera a oralidade na escrita;
- b) “Ownnnn”: construção onomatopaica;
- c) Uso de asteriscos como forma de emoticon: “\*kkk\*”. Embora o *córpus* não mostre claramente aqui como se dá esse uso, os asteriscos são usados na internet para representar “olhos sorridentes”. Metaforicamente representam “olhos brilhantes”. Costuma-se representá-los assim: \* \_\_\_\*.



Figura 3

Na figura 3, temos “A lingua do meu vizinho”. A frase não apresenta alterações do ponto de vista da norma escrita (a não ser a falta de acento em língua). Mas nos comentários podemos ler:

- a) “pra q. isso juninho”: também apresenta marcas de oralidade, contração, transformação do substantivo próprio em substantivo comum.
- b) “kkkkk”: representação gráfica onomatopaica
- c) “isso é obra do Demta amarrado KKKKKK”: abreviação, contração – ta.
- d) “a lingua da minha tia er assim msm KK”: falta de acentuação, abreviação, representação onomatopaica.
- e) “epa gostava de conheser minha vizinha”: oralidade, tempo verbal inadequado, erro ortográfico.

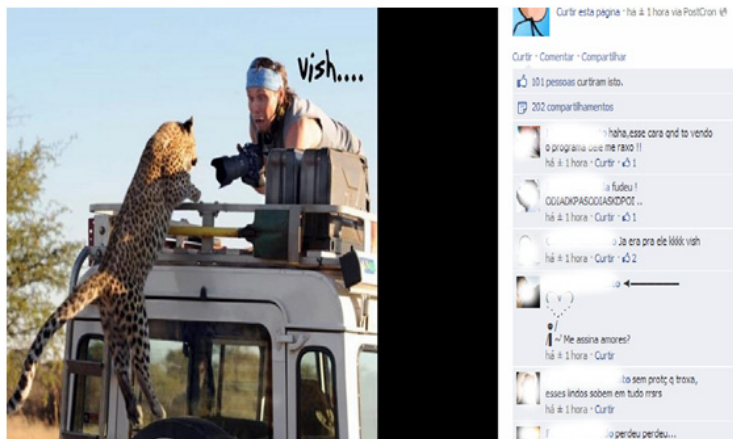


Figura 4

Na figura 4 temos “Vish...”, que é uma contração de “virgem”, da expressão idiomática “virgem Maria”. A forma da escrita não está adequada a norma ortográfica brasileira, mas retoma foneticamente o som da palavra. Nos comentários temos:

- a) “hahaha esse cara qnd to vendo o programa dele me raxo”. Expressão onomatopaica, abreviação, marcas de oralidade, construção sintática truncada, ortografia;
- b) “ODIADKPASQDIASKPQI”: expressão codificada.
- c) “ Já era pra ele KKKK vish”: oralidade, expressão onomatopaica, frase truncada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises produzidas pelas alunas sob nossa orientação, observamos que os textos produzidos no ambiente da rede social Facebook são textos curtos, sincréticos, escritos com característica da modalidade oral e no registro informal. São frases curtas, com representações onomatopaicas, muitas vezes com construções morfológicas que oscilam entre a gíria e o neologismo. As frases são predominantemente nominais e o uso de expressões em língua inglesa também é uma constante – isso quando a grafia de língua inglesa não interfere na da língua portuguesa.

Se pensarmos na tríade de Coseriu, a criação de uma variante linguística no nível da fala não altera, muito menos destrói uma língua. Mesmo que se considerarmos que, pelo força do uso, essas variantes, que surgem no nível da fala, já tenham atingido o nível da norma – é provável que já possamos identificar uma norma da internet, ou como popularmente é chamada de “internetês”, a mudança efetiva de uma língua, como vimos com Coseriu, somente ocorrerá quando essas variantes afetarem o nível do sistema. Fiorin (2008, p. 8) vai nessa direção também ao afirmar que: “a internet não tem nenhuma influência sobre a gramática, o sistema fônico ou o fundo léxico comum. Não está contribuindo para sua alteração”.

Com certeza a norma da internet não vai degenerar ou destruir a língua portuguesa, no entanto, como já afirmamos, os jovens passam cada vez mais tempo realizando práticas de escrita “digital” e têm apresentado em seus textos produzidos fora desse ambiente, a variante utilizada na internet.

A importância deste trabalho, portanto, não está apenas na verificação de que os textos produzidos nas redes sociais são marcados pela oralidade, pela informalidade, pela multimodalidade e que apresentam linguagens sincréticas tais como os *emoticons*. Mas, sim na possibilidade de poder revelar a algumas do Ensino Médio tal ponto de vista sobre a língua e a linguagem. As alunas encerram um percurso observando que as características dos textos oriundos de práticas *on-line* estão muito distantes das características dos textos produzidos nas práticas de escrita escolares, que privilegiam a norma culta, formal e a linguagem verbal.

A experiência do projeto do CNPq com alunos do Ensino Médio na Universidade, especialmente em uma perspectiva de estudos linguísticos, mostra-nos que é preciso que o ensino tradicional volte-se para essas novas práticas pensando assim em que medida a escrita é a representação da norma padrão e em que medida essa “norma linguística

on-line”, relaxada e coloquial, não poderia ser mais aceita em certos ambientes sociais, como uma prática de escrita válida.



## REFERÊNCIAS

- ASTI, V. *Metodologia da Pesquisa Científica*. Porto Alegre: Globo, 2001.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Deixem eu falar brasileiro! Caros amigos*. fev. 2009. Disponível em: <<http://www.marcosbagn.com.br/conteudo/arquivos/artcarosamigos-fev09.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2012.
- CÂMARA, N. S. Mocinhos e bandidos reconfigurados: formas de vida em desenhos animados. In: MOMESSO, et al. *Discurso e linguagens*. Objetos de análise e perspectivas teóricas. Franca (SP): Editora da Unifran, p. 95-107.
- CERVO, A. L.; BREVIAN, P. A. *Metodologia científica*. São Paulo: Makron Books, 1996.
- CNPQ. Resolução normativa 017/2006 - Bolsas por Quota no País, Anexo V. Disponível em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/96bfa431-898f-49b8-a70f-4c070af213e6>. Acesso em: 30 jul. 2012.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca, Mario Ferreira. Rio de Janeiro: Presença. São Paulo: EDUSP, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Trad. Agostinho Dias. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- Facebook mostra o raio-x de 1 bilhão de usuários, *Folha de S. Paulo*, 04 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/1163808-facebook-mostra-o-raio-x-de-1-bilhao-de-usuarios.shtml>. Acesso em 22 nov. 2012.
- FIORIN, J. L.; PLATÃO, F. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2004.
- \_\_\_\_\_. A internet vai acabar com a língua portuguesa? *Revista Texto Livre*, vol. 1, n.o 1, outono de 2008.
- LÉVY, P. *Cybercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 3ª edição – 2011.
- MEDEIROS, J. B. *Redação Científica*. A Prática de Fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2010.
- MEME. *Wikipedia*. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme\\_\(Internet\)#cite\\_note-cream-1](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet)#cite_note-cream-1). Acesso em: 23 nov. 2012.
- SANTOS, I. P. dos. A variação linguística e a política de ensino/domínio da língua materna. In: SÃO PAULO. Secretaria da educação. Coordenadoria de estudos e normas pedagógicas. *Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade*. São Paulo: SE/CENP, 1991.
- Termos de páginas do Facebook. 29 de fev. 2012. Disponível em: [https://www.facebook.com/page\\_guidelines.php](https://www.facebook.com/page_guidelines.php). Acesso em: 14 out de 2012.